



DE COLONIZADOR A COLONIZADO: O NASCIMENTO DO BRASILEIRO RETRATADO NA POESIA DE JOHN WAIN A PARTIR DA FIGURA DE FERNANDO PESSOA

Alexandra Lopes da Cunha¹

Resumo: A colonização é um processo de domínio, de subjugação. Como bem aponta Homi K. Bhabha (1998), esta se dá a partir de justificativas. Dentre elas, a que o povo a ser colonizado é mesmo inferior, necessita ser civilizado e este era o pensamento português, presente, inclusive, nos versos que compõem *Os Lusíadas*, obra fulcral na literatura portuguesa. O objetivo do presente trabalho é tratar de um aspecto do processo colonizador pouco explorado, que é a transformação do colonizador em nativo. Para tanto, trabalhou-se com o poema de um escritor inglês, John Wain, publicado em Portugal em 1993, que trata justamente da transformação do colonizador português em brasileiro, da sua separação da pátria-mãe e adoção da nova, a que nascia deste lado do Atlântico, contrapondo-o a alguns dos poemas de Fernando Pessoa. Busca-se mostrar, justamente este ponto em que o português deixou de sê-lo para se tornar brasileiro e o quanto esta fratura afetou aos portugueses que ficaram do lado de lá do Atlântico.

Palavras-chave: Processo colonizador. Identidade. dominação cultural. Linguagem poética.

FROM COLONIZER TO NATIVE: THE TRANSFORMATION OF THE PORTUGUESE COLONIZER INTO A BRAZILIAN CITIZEN IN THE POETRY OF JOHN WAIN IN HIS BOOK: THINKING ABOUT MR. PERSON.

Abstract: The colonization process is one of domination and subjection. As Homi K. Bhabha (1998) points out, the colonizer adopts a convenient discourse for justifying the colonization with the argument that the ones to be colonized are inferior and incapable. Therefore, there is a need to educate and incorporate them to the civilized world, and that was indeed one of the premises adopted by Portugal, as one can read in the verses of *Os Lusíadas*, a fundamental oeuvre in Portuguese literature. The goal of this paper is to approach the colonization process from a different point of view: the transformation that fatally happens with the colonizer figure: of his becoming a native of the land he came to colonize. In order to do that, the author of this paper has chosen to analyze the poem written by John Wain, an English poet, that was published in Portugal in 1993, that focus exactly on this point: the transformation of the Portuguese colonizer, his physical and psychological separation from his motherland, culminating with his acceptance of his new persona: he ceased to be a foreigner in an unknown land, and the impact this fracture had in the former colonial power. The main goal is to show how this transformation process affected both the Portuguese colonizers and the Portuguese nation .

Keywords: Colonization process; identity; cultural domination

¹ Doutoranda do programa de Pós-Graduação em Letras, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. Bolsista CAPES.



“Minha pátria é a língua portuguesa.”

Introdução

Portugal foi uma potência colonial, contribuindo para a expansão do Ocidente, ou de uma ideia de Ocidente. Como canta Camões, no poema épico Os Lusíadas, movia a nação lusitana também o desejo de expandir os domínios da cristandade:

*E vós, ó bem nascida segurança
Da Lusitana antiga liberdade,
E não menos certíssima esperança
De aumento da pequena Cristandade,
Vós, ó novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deus, que todo o mande,
Pera do mundo a Deus dar parte grande.* (CAMÕES, 2014, p. 66).

Com a Cruz seguia a palavra e, tendo numa mão a espada e outra a pena, foi o Reino de Portugal se expandindo, ganhando o português, outras terras e, por isso, a epígrafe de Bernardo Soares. A pátria da língua portuguesa estendeu-se para o outro lado do Atlântico.

Um ponto interessante a se pensar é que este colonizador, este homem superior aos seus próprios olhos, chega à nova terra com o intuito de dominar e, realmente domina, impõe-se sobre todos os aspectos: político, religioso, cultural, mas, neste processo, modifica-se, torna-se outro. O colonizador português acaba por dar lugar ao mestiço, ao outro, ao brasileiro. Assim, como no conceito de Julia Kristeva, na obra: Estrangeiros para Nós Mesmos, o estrangeiro tornou-se parte deste outro, deste brasileiro que está a nascer. Era inevitável que assim fosse. Mais: era preciso para que se consolidasse no território da colônia o domínio português. Um território, extenso e os portugueses, tão poucos.

A ideia de pátria como língua, ou parte dela, um elemento definidor e delimitador de fronteiras e de domínio, funciona para introduzir a análise que se buscará fazer de um poema, não de Fernando Pessoa (1888-1935) ou de um de seus heterônimos, mas de um



poeta inglês, John Wain, que escreve no pós-guerra – década de cinquenta -, e que publica poemas sobre Fernando Pessoa.

O objetivo da presente análise é, a partir da leitura do primeiro poema de Wain, que aborda o nascimento de uma nova identidade, a brasileira, desvinculada, pouco a pouco, da portuguesa, pensar nos conceitos de estrangeiro, do outro, daquele que se percebe diferente do que julgava ser.

Reflexões sobre o senhor Pessoa e a narração do nascimento do brasileiro John Wain, poeta inglês, da mesma geração de Philip Larkin, escreveu poemas que compõem este livro: *Reflexões sobre o Senhor Pessoa*. Nele, dialoga com o poeta português já morto, fala sobre as duas nações: Portugal e Inglaterra, sobre os pontos em comum que via entre as duas e também sobre a sua sensação de, ao ler a poesia de Pessoa e de seus heterônimos, sentir-se também parte do universo pessoano. Há também, neste poema, um trecho, reproduzido a seguir, em que o poeta inglês discorre sobre a melancolia portuguesa e suas origens e coloca em sua lírica a sua vocação para a navegação, especulando se tal melancolia não derivaria do fato desta imposição ao desconhecido, ao mar que trazia descobertas e fortunas, mas podia também resultar em perecimento:

ALBERTO CAEIRO RICARDO REIS ÁLVARO DE CAMPOS
FERNANDO PESSOA

... que nomes portugueses tão sonoros!

Nomes cheios de nuvens, de gaivotas, de vagas desfeitas
numa praia a sudoeste, do vaivém das marés do Tejo;
nomes cheios de ares de Portugal,
as longas estradas desertas, os eucaliptos,
os campos de arroz e os promontórios do Atlântico;
as sardinhas a assar nas brasas pelas tascas das travessas,
as feiras, as igrejas cheias de calma penumbra de Deus,
e cidadãos engripados a andar de elétrico,
os elétricos amarelos de Lisboa.

E os navegantes andam nestes nomes,
austeros portugueses que levaram
a Europa Ocidental pela espuma cintilante
e pelas vagas escuras que lançavam desafios,
*Vinde morrer nas
águas*

(WAIN, 1993, p. 15)

Em seu primeiro poema, John Wain inicia com a enumeração dos principais heterônimos do poeta português: Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos,



finalizando com o próprio Pessoa, o agregador de todas as outras “pessoas” que congregava. Era ele múltiplo, inclusive, pelo nome que carregava.

A seguir, o eu lírico de Wain passa a relacionar elementos definidores do que constituiria o português: nuvens e gaivotas, o vaivém das marés no Tejo, a posição de Portugal na Europa – os promontórios do Atlântico. O próprio Fernando Pessoa já fizera semelhante observação no poema *Dos Castelos*, presente em *Mensagem*, publicado por primeira vez em 1934:

A Europa jaz, posta nos cotovelos.
De Oriente a Ocidente jaz, fitando,
E toldam-lhe românticos cabelos Olhos gregos, lembrando.

O cotovelo esquerdo é recuado;
O direito é em ângulo disposto.
Aquele diz Itália onde é pousado;
Este diz Inglaterra onde, afastado,
A mão sustenta, em que apoia o rosto.

Fita com olhar `sfíngico e fatal,
O Ocidente, futuro do passado.
O rosto com que fita é Portugal.
(PESSOA, 2012, p. 227).

A Europa, o continente voltado ao Atlântico, com sua vocação de exploradora definida desde que os gregos singravam o Mediterrâneo (há também em *Mensagem* o poema *Ulisses*, que explora justamente o mito de que seria em Portugal que teria aportado o herói grego, uma justaposição de duas lendas), contempla com olhos esfíngicos e fatais, porque é fatal que siga explorando, descobrindo e, de certa forma, exterminando, o que encontre diante de si. E Portugal, um país de navegadores, de exploradores seria o rosto deste continente. Assim, a posição geográfica do país condicionou, de certa maneira, a vocação marítima desta nação, é o que nos diz o poema de Pessoa.

E o poema de Wain segue exatamente nesta linha: O homem português avança sobre o Atlântico, empurra os limites do Ocidente até vir aportar nas terras que viriam a



constituir o Brasil, sabemos nós, no ano de 1500.

A América nasce como colônia já sob o signo do estereótipo: os habitantes da terra, descritos na Carta do Descobrimento de Pero Vaz de Caminha, passariam a ser conhecidos como índios sem o serem e, já a partir desta primeira narrativa, começa a surgir a ideia do bom selvagem, homem dócil, dúctil, disposto por sua natureza a abraçar uma fé estrangeira, fala que guarda a ambivalência do discurso colonial defendida por Homi Bhabha no ensaio: *A Outra Questão: O Estereótipo, a Discriminação e o Discurso do Colonialismo* (1998).

Este homem pardo que aqui vivia, andava nu porque vergonha não tinha, de natureza afável, seguiria de bom grado a religião do dominador, necessitava ser civilizado para o seu próprio bem, assim pensavam os navegantes que aqui chegaram. A ideia da Carta do Descobrimento era justamente dar a conhecer ao Rei o achamento de terras que passariam a ser de propriedade da coroa portuguesa, desconsiderando por completo o fato de que aqui já havia habitantes. Mas eram eles selvagens e aí surge a justificativa.

Homens racialmente distintos, pardos, nus, incapazes de perceber na simbologia das roupas, das joias, a pretensa superioridade do homem branco, como bem aparece descrito na carta redigida por Caminha: em determinado momento, o capitão da esquadra recebe dois dos nativos em sua embarcação. Escolhe recebê-los sentado numa cadeira posicionada sobre um tablado. Os indígenas não compreendem o sinal de superioridade, não entendem que devem prestar homenagens àquele homem. São inocentes, ignorantes, precisando ser, portanto, educados conforme os preceitos do invasor. E foi o que fez a coroa portuguesa: tomou posse da terra, ignorando os seus habitantes, tomando-os baixo a sua guarda, modificando por completo a forma como até então viviam, inicialmente, com a ilusão de que eram todos dóceis.

Ainda que esta primeira impressão favorável da docilidade indígena sofresse reveses, pois fatos que se seguiram ao Descobrimento, tais como as primeiras reações hostis, a descoberta horrorizada do homem branco do hábito do canibalismo praticado entre algumas tribos indígenas, como aparece, por exemplo, em *O Caramuru*, de Santa Rita Durão, ela permanece, pois, como expõe Antonio Cândido em *A Formação da Literatura Brasileira* (2000), escritores como o próprio Santa Rita e, antes dele Basílio da Gama, tinham pelo indígena a simpatia, certa indulgência. Viam-no como um homem natural. É por isso que, na epopeia em estilo camoniano, o religioso Santa Rita apresenta Diogo Álvares, O



Caramuru, como o homem branco que civiliza, que casa com a moça indígena, leva-a para a Europa e, uma vez lá, ela se converte ao catolicismo, adota o nome da sua protetora, a Rainha de França. É a dominação total: a indígena abandona suas origens, torna-se outra e, assim, assimilada, pode ser aceita nesta Europa superior, civilizada (Landowski, 2012). A única forma de ser aceito é através da submissão e, por mais que o colonizado tente, por mais que se adeque aos ideais, à cultura do dominador, ele nunca passará a ser um deles. Sempre será estrangeiro, algo exótico. Alguém a ser, ao mesmo tempo, admirado pelo exotismo e rejeitado por ser distinto (Bhabha, 1993), alguém que é, ao mesmo tempo, fonte de fascínio de repulsa, como nos lembra Kristeva (1994):

Estranhamente, o estrangeiro habita em nós: ele é a face oculta da nossa identidade, o espaço que arruína nossa morada, o tempo em que se afundam o entendimento e a simpatia. Por reconhecê-lo em nós, poupamo-nos de ter que detestá-lo em si mesmo. Sintoma que o torna 'nós' precisamente problemático, talvez impossível, o estrangeiro começa quando surge a consciência de minha diferença e termina quando nos reconhecemos todos estrangeiros, rebeldes aos vínculos e às comunidades. (KRISTEVA, 1994, p. 9)

Na carta de Pero Vaz de Caminha, sente-se precisamente esta mistura de fascínio pelo nativo: são bonitos de corpos, são exóticos nas suas pinturas corporais, nas penas e adereços que usam pelo corpo. Mas são também repulsivos, por não sentirem vergonha pela nudez, não terem modos apropriados, na visão dos recém-chegados. São humanos, como os portugueses, mas não são iguais, devem ser inferiores. É a ideia da superioridade do europeu sobre o indígena, em todo semelhante à visão adotada em relação a outros colonizados: africanos, indianos, povos do extremo oriente.

O interessante, porém, neste poema de John Wain, não é este processo de colonização, de tomada de posse pela força, nem a visão que tinham estes colonizadores dos nativos que aqui viviam, mas sim a transformação que ocorre na pessoa deste português que aqui chega, como fica evidente no seguinte conjunto de versos:

homens com rostos de teca, içando cabos esbranquiçados de sal;
homens que levavam a Europa Ocidental, foram levando,
levaram, até que por fim pousaram
tornando-a essa rainha exilada chamada Brasil,
rainha errante entre flores e bichos de mistério
numa terra a que seria impróprio alguém acostumar-se
e que vive satisfeita por já não ter memória.
EXILADA lhe chamei. Porém os exilados acham novos lares.
As sementes aladas sabem lançar raízes em solo distante.
Aqueles desígnios ibéricos, esses modos ibéricos, esses modos
portugueses
de pensar fizeram-se brasileiros. Os mesmos, sem ser os mesmos.



(WAIN, 1993, p. 15)

As viagens marítimas de expansão deste ocidente eram perigosas. Camões, em seus *Lusíadas*, faz saber ao leitor o risco pelos quais passavam os navegantes, por exemplo, no Canto IV:

“Ó glória de mandar, ó vã cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos Fama!
Ó fraudulento gosto que se atiça
Cua aura popular, que honra chama!
Que castigo tamanho e que justiça Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles experimentas!
(CAMÕES, 2014).

As viagens marítimas de expansão deste ocidente eram perigosas. Camões, em seus *Lusíadas*, faz saber ao leitor o risco pelos quais passavam os navegantes, por exemplo, no Canto IV:

Muitos portugueses pereceram durante os anos de navegação e de predomínio da nação portuguesa sobre os mares. Na viagem que resultou com a Descoberta do Brasil, uma das naus desapareceu logo aos primeiros dias, sem deixar rastros. O próprio Fernando Pessoa, no poema “*Mar Português*”, reforça a mesma ideia.

Estes navegantes, que teriam singrado mares nunca dantes navegados, chegam à terra estranha, em tudo diferente: clima, vegetação, habitada por gentes em tudo igualmente distinta. Era mesmo um novo mundo, em tudo diferente do que haviam visto até então. O choque deve ter sido imenso, tanto para os navegadores, quanto para os índios.

Os primeiros contatos foram superficiais, receosos. Não vinham estes homens para ficar na terra nova. Em verdade, os primeiros que aqui permaneceram, o fizeram obrigados, pois foram degredados. Para cumprir penas por crimes cometidos, haviam de ficar nesta terra estrangeira, a fim de conhecer costumes, de perceber o que aqui havia que pudesse interessar à Coroa Portuguesa. Ficam, conforme se percebe no relato de Caminha, desesperados, inconsoláveis, apavorados, pois passam à condição incômoda e até então desconhecida de minoria. Eram eles os estrangeiros, os diferentes, os indefesos. O que podiam alguns homens mal armados contra grupos de indígenas? Como poderiam, em situação de minoria, demonstrar sua pretensa superioridade frente aos nativos? Nesta terra, enquanto não a subjugam, desconhecem-na, assim como a seus habitantes, não



passam de visitantes e por isso a sensação de pavor: achar-se na incômoda posição de estrangeiro. Para que tal situação se modifique, faz-se necessário o uso da máquina colonizadora: a ocupação da terra pelo envio de colonos, a conquista dos nativos, quer pela força, quer pela religião, pelos costumes, quer pela combinação de todos estes fatores. Entretanto, os exilados vão achando novos lares, como esclarece Wain na sequência de versos: “Exilada lhe chamei./ Porém os exilados acham novos lares./ As sementes aladas sabem lançar raízes em solo distante. (Wain, 1993, p. 17)

Fundam-se os primeiros povoados, tenta-se reproduzir na colônia o que havia além- mar. E o uso da força se impõe, quando se verifica a resistência do nativo. E busca-se incentivar a imigração de mais portugueses para o Brasil.

Com este intuito surge, nestes primeiros anos de colonização, toda uma literatura informativa a respeito do país, de caráter também propagandístico. O objetivo era esclarecer, informar e interessar possíveis imigrantes, voluntários para deslocarem-se às terras da colônia para aqui ficarem. São exemplos as produções de cronistas da época: Gandavo, Fernão Cardim, Gabriel Soares e, em menor grau, José de Anchieta, este último, segundo Sílvio Romero, um europeu que cedo se aclimatou e adotou as terras brasileiras como sendo sua casa e os indígenas, seu povo (Romero, 1943).

E foram chegando mais e mais portugueses, como também, ou assim tentaram, franceses, holandeses. Alguns, má sorte tiveram. Outros, como Diogo Álvares, o Caramuru cantado por Santa Rita Durão, permaneceram, aclimatam-se e, desta forma, como nos versos de Wain, tornam-se brasileiros nesta terra estranha, aquela que viria a ser a joia da Coroa Portuguesa.

Daqui, sentem falta do que lá, do outro lado do Atlântico, deixaram. Aqui, plantam eles memórias do que ficou para trás e se fazem, pouco a pouco, brasileiros.

A distância, o passar dos anos, as atrações da nova terra, com seus aromas e cores, paisagens deslumbrantes, as praias “que ficavam mais nítidas e se estendiam, hospitaleiras, protectoras sim, mas provocantes”. (Wain, 1993, p. 17). Num processo natural, “... a própria terra portuguesa /, rainha resguardada da memória, essa bruma banhada de luz, foi-se afogando nas águas fundas, salgadas do adeus” (Wain, 1993, p. 17). O português colonizador, representante da nação imperialista, vai transformando-se em outra coisa: “A terra falava novo idioma, o sol, a chuva:/ a visão europeia, agora desfocada, não serviria mais” (Wain, 1993, p. 19).



O que o poema não desenvolve, mas deixa indicado, é esta mudança entre semelhantes separados por um oceano. O processo de colonização apenas se iniciava. O futuro, com o processo de dominação do indígena está por começar. Mas o português que aqui fica, que aqui se aclimata, conforme o poema, dá-se conta de que a imagem europeia não lhe serviria mais.

No último verso, o eu lírico, retornando ao tema de seu poema, Fernando Pessoa, questiona-se: seria o poeta português desta terra distante na qual nunca esteve? Participaria ele no salto que a nação haveria de fazer do singular para o plural?

A distância entre a colônia e a metrópole, todo um oceano, é uma fratura. A formação deste brasileiro, deste país que nasce aos poucos, foi, durante séculos dependente, submissa, mas cria-se aqui um novo mundo, um novo povo.

Este português, este Fernando Pessoa retratado no poema de Wain, é um saudosista (Fernando Pessoa dizia-se Sebastianista). Como explica Alfredo Bosi em *História Concisa da Literatura Brasileira* (1994), este Portugal colonizador, poderoso, foi perdendo a importância política no cenário mundial entre os anos 1580 e 1640, decaindo nos séculos XVII e XVIII, tornando-se nação periférica. É um baque para a nação outrora tão poderosa e rica.

Com o processo de perda de colônias, fica, neste português, a saudades do que fora, da grandeza que tivera, dos tesouros que ficaram deste lado de cá do Atlântico. As saudades até da ideia de grandeza. Assim, permanece neste homem português a nostalgia de haver sido outros: brasileiro, índio, negro, dono e senhor.

Enquanto o português que aqui se fez brasileiro, destas nostalgias se liberta. Fica sendo aquele Portugal algo que, no poema de Wain, se dilui, não lhe tem serventia. Ainda assim, será múltiplo. Será múltiplo porque se mistura, um mestiço.

Considerações finais

A literatura pode funcionar como uma importante ferramenta para compreensão do humano em todas as suas esferas. Talvez seja por este motivo que os primeiros estudos culturais se deram através da crítica literária (Johnson et al., 1999).

A crítica literária nos permite ler recortes de realidades do mundo, perceber determinados fundamentos sociais, tais como a percepção das diferenças e a questão da alteridade. Lendo literatura, deparamo-nos com indicadores valiosos para compreender épocas e sociedades inteiras. A literatura é um poderoso instrumento de conhecimento do



que já existiu, das formas como já se pensou e viveu. Os escritores nos conduzem, através de sua prosa, de seus versos, a um passado que permite um mergulho no particular, aspecto este em que o estudo histórico tende a menosprezar, pois lida com grandes períodos de tempo e precisa, necessariamente, uniformizar, unificar, para apresentar um quadro maior (Halbachs, 2009) e o bom crítico é capaz de trazer à tona o que é relevante no estudo de um autor, no que um determinado texto ou autor contribui para uma maior compreensão de um assunto, de um período histórico.

A questão do colonialismo abordada aqui neste artigo originou toda uma área de estudos específica também na crítica literária e no estudo da literatura. Podemos inclusive cogitar se a própria origem da literatura Ocidental não estaria reproduzindo uma situação de colonização e dominação, pois, se considerarmos as narrativas de Homero, principalmente na *Ilíada*, lê-se ali a descrição de um processo de subjugação e dominação pela força, um dos momentos do processo colonizador (Bosi, 1992).

O objetivo deste texto foi contribuir para a discussão da questão colonial, em particular, da colonização portuguesa do Brasil. A ideia foi voltar à atenção não tanto para a situação do domínio em si, ainda que pontos tenham sido levantados, tais como a visão condescendente do indígena, fortemente baseada no estereótipo (Bhabha, 1998), seguida da ideia da assimilação (Landowski, 2012), mas de pensar no momento tão bem explicitado no poema de John Wain, um escritor inglês sem nenhuma relação com o Brasil ou com Portugal, do nascimento, ou melhor, na transformação do português em brasileiro, neste processo de

desligamento em que o colonizador deixa de se sentir estrangeiro na colônia para passar a se sentir plenamente integrado e naturalmente desligado da terra que já foi sua.

Como bem salienta Bosi (1992), a colonização não se trata apenas de uma corrente migratória. O imigrante, o colono, vem com a intenção de achar nas terras novas seu sustento e, se se instala, traz consigo parte de suas origens: sua língua, seus costumes, sua religião. Chega, como aponta Kristeva (1994), desarraigado, livre. No novo país, e era o Brasil apenas uma extensão do reino português, este imigrante podia tudo. Deveria impor-se aos nativos, devia dominá-los pela força, vencendo-os em refregas, escravizando-os, se possível, ou misturando-se a eles, miscigenando-se, como fica evidente no poema *o Caramuru*, de Santa Rita Durão. E foi o que fizeram estes colonizadores no Brasil: mais fortes, dominaram e praticamente dizimaram as populações nativas.



Neste processo violento de dominação, este estrangeiro foi deixando de ser português, como aponta o poema de John Wain; foi se acostumando, se aclimatando, foi se familiarizando e fincou raízes em definitivo. Foi também se misturando: aos indígenas, como o Caramuru, e aos negros que vieram depois. E, mesmo que não tivesse, seria outro. Por não pertencer mais à terra natal, por ter feito desta a sua terra, pela distância geográfica de todo um oceano a dividir a colônia da Portugal europeia.

Parece-nos que o poema composto por John Wain é um interessante exemplo desta ruptura. Em que pese às influências das questões políticas, das medidas tomadas, muitas vezes, à revelia deste homem português que aqui chegou, nunca consultado sobre as decisões de cortes e governos estabelecidos cá e lá, foi a vida cotidiana, a experiência pessoal de vir a conhecer e compreender o país, de reconhecer nele não somente um território a ser explorado e espoliado, mas sim uma ideia de pátria, que foi transformando-o em brasileiro.

Como está nos versos de Wain, a sensação de estranheza, de hostilidade frente ao lugar desconhecido, ao desconhecimento completo deste lugar, vai dando, pouco a pouco, lugar a reconfortante sensação de pertencimento, de acolhimento em que as paisagens deixam de ser assustadoras e os sabores, exóticos. As saudades do que ficou para trás vão se esfumando até desaparecer por completo e a casa fica sendo onde se vive. A visão europeia deixa de fazer sentido e tem-se o nascimento do brasileiro, este ser mestiço que aqui surgiu.

É deste processo de experimentação, de vivência, de interação com o meio, com os outros que aqui viviam, com aqueles que chegaram depois em ondas migratórias que se constitui um povo. E foi este processo, muitas vezes violento e cruel, que transformou o colono português, o europeu superior, no brasileiro mestiço. E é deste processo, deste descobrimento de uma nova forma de ser e de viver de que fala o poema de John Wain. E este é um de seus grandes valores, no nosso entender, ou seja, o de mostrar o processo colonizador por um enfoque diferenciado.

Referências

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. 2ª. Edição. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora Pensamento- Cultrix. 1994.



_____. **Dialética da Colonização**. São Paulo, Companhia das Letras, 1992. CAMÕES, Luís De. **Os Lusíadas**. Porto: Porto Editora, 2014.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**. 1º. Volume. Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2009.

JOHNSON, Richard, ESCOSTEGUY, Ana Carolina e SCHULMAN, Norman **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1999.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para Nós Mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LANDOWKSI, Eric. **Presença do Outro: ensaios de sociosemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2012.